

Eragon

por Bernardo Veiga



1. Ficha Técnica: Título Original: Eragon; ano: 2006; Diretor: Stefen Fangmeier; Gênero: Aventura; Origem: Estados Unidos; Idioma: Inglês; Duração: 110 minutos
Elenco: Robert Carlyle, Sienna Guillory, Jeremy Irons, John Malkovich, Edward Speleers.

2. Sinopse: O best-seller infanto-juvenil de Christopher Paolini, primeira parte da Trilogia da Herança, composta de narrativas de 'missões salvacionistas', desbancou Harry Potter, em 2003, na lista de mais vendidos na Inglaterra – além de um jogo do Playstation 2, da Sony. Não demorou para a Fox, detentora dos direitos para o cinema, anunciar sua adaptação para as telas. A produtora pretende produzir as outras duas continuações, embora a segunda parte, Eldest, ainda não tenha sido lançada. Enquanto a saga fantasiosa não ganha corpo como franquia, Eragon lança-se ao desafio de criar uma legião de seguidores. Seus elementos são uma soma de outros já mais ou menos conhecidos, mesclando aspectos de O Cavaleiro da Távola Redonda, História Sem Fim, Senhor dos Anéis e Star Wars, com a velha luta do novo guerreiro recém revelado à sua tarefa e um velho guerreiro caído para o lado das trevas por conta de um episódio no passado. O herói é Eragon (o estreante Edward Speleers), adolescente do campo, que, ao encontrar uma pedra azul, libera a dragão fêmea Saphira e descobre ser "o escolhido". Com a ajuda de um sábio contador de histórias, Brom (Jeremy Irons de A Máquina do Tempo), ele tentará salvar o reino dos dragões, controlado pela mão tirânica de Galbatorix (John Malkovich de Um Filme Falado). Na direção, o estreante Stefan Fangmeyer, revela segurança. Ele não se prende apenas a uma seqüência crescente de perseguições e batalhas. Trabalha personagens e seus dilemas num tom leve e vívido, que tornam a correria muito simpática. (cahu.com.br).

3. Análise: Segundo o filósofo e jornalista Chesterton: "O país das fadas não é outra coisa senão o ensolarado país do bom senso. Não é a terra que julga o Céu, mas sim o Céu que julga a Terra; por isso, pelo menos para mim, não era a Terra que criticava a Terra dos Elfos, mas sim este que criticava a terra." (Ortodoxia, São Paulo, Ltr, 2001, p. 71) Podemos dizer que em Eragon encontramos grande parte dessa afirmativa. São três os conselhos dados pelo país das fadas ao mundo comum. A primeira delas é a vocação. Para o herói, a

sua vocação, inicialmente não se mostra totalmente certa. Antes, ela é fruto de um conhecimento próprio somado com o conselho de parentes e amigos. Às vezes, fraqueja, mas não por causa do desejo do personagem de negá-la, porém pela incerteza do seu conhecimento. No final ele descobre que o que realmente procurava era o que mostrava a sua condição de “escolhido”. A segunda é a fragilidade do herói. Todos o subestimam, como se esperassem um herói imponente, mas encontram um jovem camponês, semelhante ao personagem do “Frodo” do Senhor dos Anéis, com a raça dos Hobbits. A salvação de todo o reino, ou melhor, da primeira parte da trilogia, se faz por quem aparentemente não é um herói. Isto é, há uma profunda consideração por aquilo que fez o dragão escolhê-lo: o seu coração. Ele foi escolhido como cavaleiro pelas suas disposições interiores e não pelo seu porte, nem raça, nem condição cultural. Era um pobre e jovem camponês. A terceira mostra uma analogia com o anjo da guarda. O dragão é o protetor do cavaleiro, dá toda a sua vida por amor ao seu amado, como ocorre com o personagem Brom de cujo dragão perdeu a vida para salvá-lo. Há uma profunda e edificante amizade entre o cavaleiro e o dragão. Em termos técnicos o filme é bom: Ótica fotografia, som e um show de computação gráfica. Mas, sinceramente, será difícil superar todo o padrão estabelecido pela trilogia “O Senhor dos Anéis” sobre vários aspectos.